



Jornal Comunitário Folha da Princesa Cidadania é Sempre Manchete

Joel da Silva Fonseca Junior¹ – joelfonsecajunior@hotmail.com

Jairo Sanguiné Junior² – jairosanguine@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa expor o projeto de extensão “Jornal Comunitário Folha da Princesa”, criado em 2000 e que tem como público-alvo a comunidade da Vila Princesa, um bairro periférico da cidade de Pelotas. O objetivo do jornal é democratizar a informação, de forma gratuita e alternativa, retratando a realidade do bairro e servindo como um espaço de diálogo com o poder público, além de proporcionar aos alunos de Jornalismo o desenvolvimento das diferentes técnicas da produção jornalística. Todas as etapas de produção do jornal são realizadas pelos acadêmicos de diferentes semestres, orientados pelo professor criador do projeto Jairo Sanguiné Júnior e pela própria comunidade do bairro, que se envolve na definição das pautas a serem trabalhadas em cada edição.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo comunitário. Cidadania. Mídia alternativa. Extensão.

ABSTRACT

The present article aims to expose the extension project “Jornal Comunitário Folha da Princesa”, that was created in 2000 and has as target audience the community from Vila Princesa, a neighborhood in outskirts of Pelotas. The objective of the newspaper is to share information, free and alternative, portraying the reality of the neighborhood. Serving as a forum for dialogue

1 Acadêmico de comunicação Social - Universidade Católica de Pelotas

2 Docente coordenador do Curso de Jornalismo - Universidade Católica de Pelotas

with the government, and to provide students of journalism the development of different techniques of journalistic production. All newspaper stages of production are performed in different academic semesters, directed by Professor and project founder Jairo Junior Sanguine and the neighborhood community itself, which involves the definition of guidelines to be worked on each issue.

PALAVRAS-CHAVE

Community journalism. Citizenship. Alternative media. Extension.

1 Introdução

Com o objetivo de discutir e desenvolver novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo, o Centro de Educação e Comunicação da Universidade Católica de Pelotas desenvolve, desde o ano 2000, o projeto de jornalismo comunitário “Folha da Princesa”.

O projeto é realizado na Vila Princesa, um bairro localizado às margens da BR-116, a 15 km do centro de Pelotas. Sua população está estimada em aproximadamente seis mil moradores³, a maioria pequenos agricultores oriundos da região da colônia, que vieram tentar a sorte numa região próxima da cidade, mas com características da vida no campo. São histórias como as de Darcy Dias e Antônia Dias, que moram na vila Princesa há 40 anos e consideram os moradores do local como uma verdadeira família:

A vida nos ensina muita coisa. Aqui, valorizamos muito mais uma verdadeira amizade do que qualquer outra coisa. Somos muito unidos. Temos que conservar isso, que pra mim é o mais importante. Quanto posso ajudar, ajudo mesmo (DIAS, 2000, 4)

São muitas as dificuldades estruturais do bairro, a começar pelos variados problemas no abastecimento de água e no tratamento do esgoto. As estradas sem asfalto prejudicam a mobilidade e muitas vezes são praticamente intransitáveis devido aos buracos que se formam pelo tráfego ou pela grande quantidade de lama causada por chuvas. A Vila Princesa ainda sofre com a precariedade do transporte coletivo, da iluminação e com a falta de regularização fundiária em muitas casas.



Figura 1: Fotografia aérea do bairro Vila Princesa.

Fonte: Arquivo do jornal Folha da Princesa.

Levar a essa comunidade periférica um veículo de comunicação próprio, elaborado a partir das ideias apresentadas pela própria comunidade e no qual as pessoas participam ativamente de um processo comunicativo, é um dos dois objetivos centrais que balizam este projeto. O

³ Levantamento realizado pela Associação de Moradores em janeiro de 2014.

segundo objetivo é pedagógico, ou seja, criar um espaço para que os alunos de Jornalismo pratiquem a futura profissão, conhecendo de perto a realidade social que os cerca e, ao mesmo tempo, reconhecendo as suas responsabilidades como comunicadores sociais.

O periódico comunitário surgiu na contramão da imprensa tradicional para atender ao objetivo central de experimentar uma nova forma de comunicação, a partir de um projeto prático, real, sustentado em teorias que pregam possibilidades de formas diferentes de comunicação. Cicilia Maria Krohling Peruzzo apresenta alguns aspectos que caracterizam a mídia comunitária:

a) estar aberta à participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas; b) as pessoas da própria comunidade se revezam enquanto produtoras e receptoras dos produtos comunicacionais; c) desenvolvimento do processo de interatividade na comunicação; d) autogerida pelas entidades representativas da própria comunidade; e) autonomia e livre de ingerências em relação aos órgãos do Governo, grande mídia, partidos políticos e seus afiliados etc.; f) não tem interesses comerciais; g) oferece possibilidades ilimitadas de inovação de linguagens e formatos de programas; h) programação sintonizada com a realidade local, temas de interesse local; i) dirigida a segmentos específicos da população; j) alcance limitado em termos de cobertura, audiência ou número de leitores; k) as ações se desenvolvem em torno de interesses comuns; l) envolve um processo de aprendizado no exercício da democracia e da cidadania (PERUZZO, 1998, 152).

São exatamente essas características que fazem da comunicação comunitária uma alternativa à concepção de mídia tradicional, envolvendo o conjunto da comunidade em todas as fases do processo de produção do veículo, desde a sua concepção até a avaliação final. Mesmo considerando o fato de que nas últimas décadas os meios massivos de comunicação abriram alguns espaços para a reflexão de temas ditos populares. No entanto, limita-se a essa visão funcional, de cumprir com seu papel social sem nenhum compromisso com as mudanças sociais necessárias para reduzir o abismo social visto atualmente.

O jornalismo comunitário abre um novo espaço de discussão, atualização e organização social a partir da criação de um veículo que nasce das próprias necessidades da comunidade (MARCONDES FILHO, 1987). Ou seja, além de democratizar a informação, deve ser um veículo a serviço dos moradores do bairro, divulgando, registrando e debatendo fatos benéficos e problemas, conforme assinala Ana Arruda Callado e Maria Ignez Duque Estrada:

A função do jornal comunitário transcende o caráter da informação, tornando-se um instrumento de mobilização que estabelece a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas. (CALLADO; ESTRADA, 1986, p.8)



Figura 2: Aluna da Escola Daura Pinto exibindo a capa da edição de junho de 2010.

Fonte: Arquivo do jornal Folha da Princesa.

Pelo contexto brasileiro de desigualdade social o jornal, para a comunidade da Vila Princesa, serve como um mecanismo que possibilita a conquista de direitos. Juarez Bahia afirma que “o jornal comunitário não na medida em que concentra notícias e opiniões, mas na proporção em que evoca a cidadania, se diversifica e se multiplica para dar voz ao maior número de correntes

numa comunidade” (BAHIA, 1990, 245). O projeto de extensão esforça-se pela formação e exercício dos direitos dos moradores da Vila Princesa, o slogan “Cidadania é Sempre Manchete” sintetiza esse empenho, pois dessa forma o Jornal Folha da Princesa conquista sua real relevância entre os moradores. Peruzzo (1995, p.287) segue o mesmo raciocínio:

Num contexto de desigualdades como o brasileiro, é absolutamente necessário que se tenha a oportunidade de exercer efetivamente os direitos civis e políticos, já assegurados, e de conquistar definitivamente os direitos sociais. (...) Nesse processo, a participação se torna não só um ato político, mas também educativo, na medida em que, por meio dela, se vão dando passos cada vez maiores. A ampliação da cidadania levará o homem e a mulher a serem, cada vez mais, sujeitos e não objetos da história.

2 Metodologia

O Jornal Comunitário Folha da Princesa tem periodicidade mensal, com uma tiragem de 1000 exemplares com formato de tabloide, que são impressos em uma gráfica particular. Todos os gastos são financiados pela Universidade Católica de Pelotas. A produção do jornal é dividida em quatro etapas: definição de pautas, elaboração das matérias, diagramação e entrega no bairro.

A equipe é formada por 15 acadêmicos voluntários e a cada ano letivo um aluno é selecionado para ser o bolsista do projeto. Semanalmente os alunos se reúnem no laboratório de redação para discutir as pautas abordadas na edição, formar o cronograma de execução, elaborar as redações e diagramar.

A comunidade do bairro tem uma participação fundamental na definição e consolidação das pautas. Durante a produção de cada edição são realizadas muitas idas, coletivas e individuais, à Vila Princesa. A Universidade dispõe de veículo próprio para transportar os alunos. Com as sugestões, críticas, reivindicações e reclamações, os moradores formam as pautas a serem publicadas no periódico. Além das visitas no bairro, a comunidade também interage com a redação do jornal por meio de e-mails, telefonemas e redes sociais.

O jornal contém 12 páginas e é dividido em oito seções: Geral, Educação, Cidadania, Saúde, Centrais, Opinião, Qualé e Infantil. Cada pauta, dependendo da complexidade, é elaborada por um ou, no máximo, dois alunos, dentro de um prazo geralmente estimado em duas semanas. A produção das matérias consiste em entrevistar moradores, captar imagens, entrar em contato com o poder público se necessário e elaborar a redação que será publicada.

As fotografias e as entrevistas com os moradores são realizadas no próprio bairro. Suas participações nessa etapa são também fundamentais considerando que fazem parte tanto do processo de emissão como de recepção do meio comunicativo. Na seção Opinião é realizada uma enquete com os moradores sobre alguma temática relevante no período da edição, mas em cada reportagem há a manifestação da comunidade sobre o assunto abordado, como demonstra o artigo de Marina Bonati publicado em novembro de 2013.

Assim como questões de civilidade, também há o questionamento sobre abandono do poder público no quesito segurança. “Os políticos vêm, ganham nossa confiança e depois dão essa bola nas costas. Cai a noite e ninguém sai de casa, não dá pra viver assim”, lamenta Simone Peiglow, comerciante local (BONATI, 2013, p.6).

As redações publicadas em cada edição buscam atingir a compreensão integral da comunidade do bairro. Para escrever em qualquer veículo midiático é necessário conhecer o público-alvo. A heterogeneidade intelectual da população do bairro permite que se escreva de forma clara e concisa, aplicando as técnicas de redação jornalística, como explica Dad Squarisi e Arlete Salvador:

A clareza das idéias está intimamente relacionada com a precisão das palavras que as traduzem. Buscar o vocábulo certo para o contexto exige atenção, paciência e pesquisa. Consultar dicionários, textos especializados da área deve fazer parte da rotina do repórter. (SQUARISI e SALVADOR, 2012, p.28)

É comum os acadêmicos entrarem em contato com órgãos públicos para expor determinados problemas do bairro e solicitar esclarecimentos e soluções, conforme demonstra a seguinte partícula do artigo publicado na edição de maio de 2014 do jornal:

Diante dos diversos relatos de transtornos e dúvidas sobre a obra, como as desapropriações e possíveis inundações por conta do alto nível da faixa lateral à duplicação, a jornalista Ana Paula Kringel, responsável pela assessoria de comunicação do Departamento Nacional de Infraestrutura de Trânsito (DNIT) e dos Serviços Técnicos de Engenharia, STE, esclareceu que, em abril, o lote 1-A da duplicação, do qual faz parte a Vila Princesa, já tinha 65,80% do projeto executado. Sobre a questão da drenagem, segundo ela não haverá problemas. O DNIT apresentou, em outubro, a adaptação do projeto de drenagem de águas pluviais da duplicação da rodovia a ser construído na Vila Princesa, atendendo a demanda da comunidade. (FONSECA JUNIOR; PETER, 2014, p.7)

Conforme as matérias são concluídas começa a etapa de diagramação, realizada também pelos acadêmicos. É uma etapa delicada e extensa. O periódico possui um design editorial próprio e todas as redações devem ser conferidas e corrigidas gramaticalmente.

Finalizada a edição a distribuição é feita pelos próprios alunos diretamente aos moradores e nos comércios da localidade. O jornal também é distribuído na comunidade acadêmica e enviado para outras instituições de ensino superior em jornalismo. Os acadêmicos também entregam alguns exemplares nas repartições dos órgãos públicos municipais.



Figura 3: Alunos da equipe do ano de 2012 distribuindo o jornal na Vila Princesa.

Fonte: Arquivo do jornal Folha da Princesa.

3 Resultados e discussão

No ano 2000, a equipe – composta inicialmente por 16 alunos e o professor coordenador – marcou uma reunião com representantes da comunidade católica Cristo Redentor para a concretização da primeira edição do jornal da Vila Princesa, cujo nome foi escolhido a partir de sugestões dos próprios moradores. Naquela reunião foram apresentados os objetivos do projeto e solicitados, pela equipe, temas que pudessem ser transformados em assuntos para a primeira edição do jornal.

A distribuição da primeira edição da Folha da Princesa, realizada pelos próprios componentes da equipe, aconteceu numa tarde de sábado, dia 2 de setembro de 2000, quando os alunos distribuíram o jornal em mãos aos moradores e puderam sentir a reação da comunidade ao receber, pela primeira vez, um jornal que estava falando da sua vida, do seu cotidiano. “Todos tinham a curiosidade de encontrar a si próprio ou algum conhecido nas páginas do jornal, seja em fotografias ou mencionado nas matérias”, disse o aluno Daniel Sanes, da editoria de Geral, participante da primeira equipe do jornal⁴.

⁴ Entrevista concedida em 03/03/2014



Figura 4: Capa da 1ª edição do jornal.

Fonte: Arquivo do jornal Folha da Princesa.

Ao longo desses quase quatorze anos, é possível afirmar que o jornal reafirmou a identidade cultural da comunidade, a partir de um senso de “pertença” e da construção de um veículo próprio de comunicação. Esse sentimento é percebido, sobretudo, no momento em que cada morador recebe o jornal, pois encontra nas páginas da Folha da Princesa, se não sua própria foto como personagem de uma notícia, a de um vizinho ou conhecido. Cada edição do jornal narra as histórias do cotidiano da Vila, em que os moradores ao mesmo tempo são produtores e personagens do conteúdo.

O jornal possui uma relação direta com setores organizados da Vila, como a AMOVIP (Associação de Moradores da Vila Princesa) e a Comunidade Católica Cristo Redentor. Além de parcerias com as duas escolas municipais do local, do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Porteira da Princesa e dos pequenos comerciantes, que contribuem mensalmente com um valor simbólico (R\$10,00) para anunciarem nas páginas do jornal. Essa relação fortalece o viés comunitário do jornal, pois envolve esses setores representativos da comunidade na produção e identificação deste a partir da própria personalidade de seus moradores.

Essa personalidade, que reafirma a identidade cultural local, aparece em todas as matérias, pois as mesmas são elaboradas a partir da indicação dos moradores: tema e viés dos fatos tratados, sempre sob a ótica da comunidade. Isso também é reforçado a partir da hierarquização dos assuntos, igualmente apontada pelos próprios moradores, que elegem o assunto mais importante a ser trabalhado em cada edição.

Percebe-se que o jornal tornou-se quase que o veículo oficial de interlocução entre a comunidade e o poder público municipal. É pelas páginas da Folha da Princesa que os moradores dialogam com os diferentes setores do município responsáveis pela estrutura do local (saúde, educação, transporte, pavimentação, iluminação e muitos outros setores). Não foram poucas as reuniões dos moradores ou seus representantes, com os órgãos públicos municipais para reivindicar melhorias na estrutura do bairro. Reuniões essas que sempre contaram com a presença da equipe do veículo.

Outras vezes, o próprio poder público foi até o bairro, em articulações feitas pela Associação de Moradores juntamente com a equipe do jornal. Dessa forma, a Folha da Princesa expôs para toda comunidade os resultados – positivos ou não – das referidas reuniões, transformando-se numa espécie de documento de registro de promessas dos representantes do município.



Figura 5: Alunos do Colégio Antonio Ronna lendo o jornal Folha da Princesa.

Fonte: Arquivo do jornal Folha da Princesa.

4 Considerações Finais

Depois de quase quatorze anos de atividade, percebe-se que a comunidade da Vila Princesa tem cada vez mais uma forte identificação com o jornal, já que ele traduz o cotidiano do bairro e se impõe como um importante canal de diálogo dos moradores com o poder público municipal. A Folha da Princesa contribui, nitidamente, para o exercício da cidadania, pois apresenta aos moradores do bairro seus direitos e a sua própria identidade cultural.

Por outro lado, o projeto possibilita aos acadêmicos a experimentação de formas alternativas de comunicação, apostando na essência do jornalismo que é a informação e, neste caso, a informação localizada, que traduz o real cotidiano de um bairro periférico muitas vezes excluído do processo de evolução social do município. Contribuindo enormemente para a própria formação profissional dos futuros jornalistas, pois além de aplicarem na prática as técnicas jornalísticas, passam a conhecer a verdadeira realidade social que encontrarão depois de formados, na condição de profissionais.

É preciso salientar que não basta o veículo comunitário proporcionar ao público uma participação que se limite a sugestões, artigos, entrevistas. É preciso outro nível de participação, que envolva efetivamente a comunidade no projeto como seu cúmplice, ajudando na construção e aprimoramento. Discutindo, inclusive, os destinos do veículo e sua linha editorial e de ação comunicativa. Só assim haverá uma efetiva democratização de um veículo verdadeiramente popular e participativo.

É óbvio que um trabalho dessa natureza deixa muitas lacunas, que certamente resultarão em pesquisas futuras para enriquecer o debate em torno do jornalismo comunitário ou da comunicação popular. Procurou-se, nesta ação, discutir em nível teórico e de maneira sucinta o processo comunicativo e suas variadas interpretações, principalmente no que diz respeito aos efeitos dos meios de comunicação no cotidiano dos indivíduos.

O projeto “Folha da Princesa” desde o início mexeu com o cotidiano de uma comunidade de cerca de mil famílias da Vila Princesa, que até então nunca havia participado de algum veículo de comunicação, muito menos de um veículo próprio, criado a partir de suas necessidades em

termos de informação. A cada edição da “Folha da Princesa”, a comunidade fica mais envolvida, querendo participar e de alguma forma dar sua contribuição para a manutenção e evolução do projeto, num processo participativo que busca em primeiro lugar, a conquista da cidadania.

Figura 6: Alguns integrantes da equipe de 2014 da Folha da Princesa.

Fonte: Arquivo do jornal Folha da Princesa.



5 Referências

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica** – as técnicas do jornalismo (2). São Paulo: Ática, 1990.

BONATI, Marina. Insegurança deixa Vila apreensiva. **Jornal Folha da Princesa**. Nº 68, Pelotas: novembro de 2013.

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal comunitário**. Petrópolis: Vozes, 1986.

DIAS, Antônia. Os moradores e a Vila Princesa: uma única história. **Folha da Princesa**. Nº 01, Pelotas: setembro de 2000.

FONSECA JUNIOR, Joel; PETER, Karoline. Apesar dos transtornos, moradores consideram obra importante. **Jornal Folha da Princesa**. Nº 69, Pelotas: maio de 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem?** 2ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares** - A participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Mídia Comunitária. In.: **Comunicação & Sociedade**, nº 30. São Bernardo do Campo: UESP, p. 142-156, 1998.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem** – um guia para jornalistas e profissionais do texto. 7ed. São Paulo: Contexto, 2012.